

## AMÉRICA, DESCOBRIMENTOS, DIÁLOGOS

Roberto Fernández Retamar

*Dizer que a civilização chegou  
aqui com os espanhóis é uma cruel  
manifestação de humor negro*

Madri, Paris, Veneza, Florença, Roma, Nápoles e Atenas foram descobertas por mim (que em 1947 já havia descoberto Nova York). Em 1956 descobri também Londres, Amberes e Bruxelas. No entanto, a não ser em alguns dos meus poemas e cartas, não encontrei nenhum outro texto que falasse desses interessantes descobrimentos. Suponho que a favor desse clamoroso silêncio deva ter pesado o fato de que, quando cheguei pela primeira vez nessas ilustres cidades, já havia nelas bastante gente. Um raciocínio similar tem-me impedido sempre aceitar que a chegada – há quase cinco séculos – de uns quantos europeus no Continente em que nasci e vivo seja chamada pomposamente de “Descobrimto da América”. Sobretudo se pensarmos que, no momento dessa chegada (acidental), as duas cidades mais populosas do planeta, segundo disse o poeta mexicano Carlos Pellicer, eram Tenochtitlán (hoje México D. F.) e Pequim (hoje Beijim). Pelo que sei, nenhuma das duas ficava nem fica na Europa.

Aquela chegada carece de sentido, se tomada isoladamente. Seu sentido se revelará se a inserirmos no seio do que se denominou expansão europeia do século XIII ao século XV. Só assim poderemos compreender que se trata de um capítulo, certamente muito importante, dessa expansão que antecedeu e acompanhou o nascimento do capitalismo no mundo. O único descobrimento verdadeiro deste Continente foi realizado pelos homens que há dezenas de milhares de anos nele entraram, provenientes da Ásia. Também não é possível aceitar que houvesse dois descobrimentos: um realizado por eles e outro pelos vikings ou, o que se ouve com maior frequência, por Colombo e seus homens. Certamente, nem os vikings nem Colombo tiveram consciência de ter chegado no continente que haveria de ser chamado de América. Parece que essa consciência deve ser adjudicada a Vespúcio, quem voluntária ou involuntariamente deu o nome ao que também haveria de ser chamado de “Novo Mundo”.

Em todo caso, como é sabido, o verdadeiramente relevante foi a imensa transcendência que a viagem de 1492 haveria de ter para a humanidade toda. Mas dizer, assim como alguns ainda repetem, que se tratava da chegada da civilização é um disparate, se não uma falta de vergonha. A não ser que seja dito à luz das terríveis palavras de José Martí, que, em 1877, falou daquele fato como sendo a chegada de uma “civilização devastadora: duas palavras que, sendo um antagonismo, constituem um processo”. As grandes culturas maia, asteca, inca e as outras em vias de desenvolvimento existentes no Continente foram, com efeito, devastadas selvagemmente, como consequência daquela chegada. E muitíssimos aborígenes, como os que habitavam meu país, Cuba, foram extintos. Razão pela qual se trata de uma cruel manifestação de humor-negro dizer que a chegada dos espanhóis e a

conquista posterior significaram para eles, que não deixaram descendentes para contar, a chegada da civilização.

O que também não podemos negar é que como resultado daqueles fatos brutais, das lutas que velhos e novos oprimidos travariam nessas terras, brotaria dentro delas o que Bolívar, num daqueles seus mitos momentos geniais, chamaria de “um pequeno gênero humano”. Por isso mesmo, Armando Hart pôde escrever que o que foi descoberto então não foi a América e, sim, o mundo. Para dizê-lo com o clássico termo grego das tragédias, tratou-se de uma *anagnorisis*: o homem se revelou a si mesmo.

Não vou me ocupar agora desse vasto tema geral, mas somente do diálogo que começou então entre os que estamos de um e do outro lado do Atlântico e, mais especificamente, entre a Europa, a América Latina e o Caribe.

Talvez a primeira coisa a fazer seja por em questão a existência monolítica tanto da “Europa” como da “América Latina”. Existe uma Europa homogênea, sem fissuras, em relação à qual possamos nos manifestar a favor ou contra? É evidente que esta pergunta só pode ser respondida negativamente. Na Europa não somente existem diversas nações, como também com freqüência essas nações diferem muitíssimo entre si. Há uma vasta diversidade cultural que revela substratos históricos anteriores. Para o arguto dominicano Pedro Henríquez Ureña, por exemplo, a região da Europa que tem exercido a maior influência sobre a América Hispânica (que é a maior parte de nossa América e que para ele incluía também o Brasil) é a România<sup>1</sup>, à qual têm que ser atribuídos fatos como a primeira chegada – com conseqüências – dos europeus nestas terras (o que se denominou equivocadamente “Descobrimento”), o Renascimento e a Revolução Francesa. Na Europa atual há também países capitalistas e países socialistas. Obviamente, há e houve lá classes e lutas de classes. Será que este ponto essencial pode passar inadvertido? Pode alguém opinar, digamos, sobre “as coisas alemãs”, prescindindo das diferenças abissais entre Karl Marx e Adolf Hitler?

Para complicar ainda mais o quadro, o que podemos dizer de nós mesmos, os latino-americanos e os caribenhos? Está claro, agora, para quase todo mundo, que não somos uma unidade monolítica. Não me canso de citar a divisão proposta pelo antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro, segundo a qual existem três regiões na América Latina: a dos povos que ele chama de “transplantados” (como a Argentina e o Uruguai), onde são amplamente preponderantes as etnias de origem européia, que eliminaram as aborígenes e fizeram sumir as africanas no fluxo geral; a dos povos que ele chama de “testemunhos” (como o México, a Guatemala, o Peru, o Equador e a Bolívia) – países onde, apesar do enfraquecimento de suas grandes civilizações pré-colombianas pela bárbara irrupção européia, ainda sobrevivem milhões de aborígenes em sua maioria dificilmente integrados à cultura oficial (uma cultura burguesa dependente); e a dos povos “novos” (os do Brasil e os da bacia do Caribe em geral), onde o aborígene foi praticamente exterminado e onde comunidades européias e africanas, ambas vindas de fora, se confundiram numa mestiçagem que tem dado lugar a algo de novo, como exprime, só para mencionar um exemplo, sua poderosa música.

Será que essa diversidade latino-americana e caribenha significa que não existe a América Latina, que não existe o que mereça esse nome? A verdade é que, com as reservas já apontadas tanto para um caso como para o outro, e apesar da heterogeneidade européia,

existe uma complexa unidade histórico-cultural que se chama Europa; e apesar da heterogeneidade de nossa América, também ela existe como uma complexa unidade histórico-cultural. E, mais ainda, nesse último caso, fora os enormes redutos indígenas (que requerem uma política de nacionalidades irrealizável dentro dos esquemas do capitalismo e da qual já há um exemplo na Nicarágua), pode-se dizer que somos, como propôs o sábio chileno-lituano Alejandro Lipschütz, “europóides”. Isto quer dizer que nossa cultura sincrética pode muito bem reclamar como própria, entre outras, a complexa herança européia. Um cubano, um mexicano ou um argentino culto não sentem como algo alheio nem a obra de Cervantes, nem a de Shakespeare, a de Bach, a de Tolstoi, a de Cézanne.

Contudo, mesmo que nós, latino-americanos, insistamos no caráter sincrético de nossa cultura (aludindo a nossa necessária fusão de elementos culturais aborígenes, europeus, africanos e asiáticos), acredito que também nesse ponto os europeus não têm pouco a dizer ou a ensinar: a chamada “cultura ocidental” é uma das realidades mais sincréticas que já existiram no Planeta. Nela se encontraram idéias gregas, leis romanas, crenças religiosas semitas, saberes ocidentais, costumes germânicos... Para que acrescentar mais? Recordo que em janeiro de 1965, por ocasião de um congresso de escritores latino-americanos que acontecia em Gênova, passeando certa noite com amigos como os peruanos José Maria Arguedas e Sebastián Salazar Bondy, e observando os muitos cruzamentos de vasos capilares de que aquela cidade é um exemplo, ríamos (mais uma vez) da pretensão européia de contar com uma cultura nascida dela própria, já com todas as suas armas, como Palas Atenas, da cabeça de Zeus (de passagem, rindo com este lugar-comum, homenagem aos meus amados gregos). Não fosse o fato de que isto iria complicar ainda mais as coisas, diria que os europeus são também “europóides”, enquanto “o Europeu” não passa de um arquétipo platônico a mais, que nunca deixou marcas na pobre Terra que habitamos.

Tampouco se pode falar de influência da “Europa” sobre a “América Latina”, ou vice-versa, se esquecermos o fato essencial, que já assinalei em algum trabalho meu, de que o que iria se chamar mundo ocidental e o que iria se chamar América Latina apareceram quase simultaneamente e estreitamente vinculados entre si. Sem a chegada dos proto-europeus (aos quais sugeri chamar de “Paleo-ocidentais”), sem o saque da América, que foi acompanhado pela monstruosa carnificina que custou à África dezenas de milhões de seus filhos, não teria havido “acumulação primitiva do capital”, e em conseqüência, não teria havido “mundo ocidental”: nome este que é uma forma melodiosa de se referir àquilo que, em palavras menos espirituais, se chama “capitalismo desenvolvido”, o qual, segundo a certa expressão de Marx em *O Capital*, nasceu jorrando sangue e lama por todos os poros. Por esta razão, a influência (se assim quisermos chamá-la) de nossa América sobre a Europa Ocidental é de tal modo decisiva que se trata, em verdade, de uma condição *sine qua non*. A própria Espanha, que não conseguiu se desenvolver plenamente como país capitalista (tendo sido sua riqueza por fim absorvida por outras nações européias), viveu na ordem cultural, a partir do século XVI, o que se costuma chamar de Século ou Séculos de Ouro. Que bela enumeração vem à memória: Garcilaso, San Juan de la Cruz, Góngora, Quevedo, Lope, Cervantes, Velázquez, El Greco, Calderón... e tantos outros nomes brilhantes. Pois bem: mas será que lembramos suficientemente de que *o ouro* desses séculos era *o ouro americano*, o ouro que os aborígenes tiveram que extrair, em condições espantosas, para entregá-lo a seus amos europeus?

Por acaso existiram as belas obras geradas pela cultura ocidental sem a chegada dos europeus às nossas terras? Aqui também temos que responder negativamente. E uma das conclusões desse fato palmar é que nós, latino-americanos e caribenhos, temos o pleno direito de reclamar como nossas essas obras pelas quais nossos antepassados pagaram um preço alto. Dizer que, por sua vez, elas nos “influenciam” não é dizer grande coisa. Aquela também é *nossa* cultura.

A influência de nossa América sobre a Europa é, pois, multissecular. Desde o florescimento de utopias, no alvorecer da sociedade burguesa européia, e os numerosos ritmos musicais (essa “ruidosa novidade vinda das Índias” de que falou Carpentier), que começaram a invadir países europeus junto com a fumaça do nosso tabaco, considerado no início (e no final) como diabólico, este é um processo ininterrupto. É verdade que uma tenaz ignorância eurocêntrica, e com freqüência a triste e habitual prepotência de toda metrópole, entre outras razões, impediram os países da Europa, por exemplo, de se beneficiar no século passado com a obra de um homem universal como José Martí. Só recentemente começa o alvorecer de tal conhecimento para aqueles países. Nestes anos, também o chamado “novo romance latino-americano” faz sentir sua presença em muitos países europeus. A razão disto é simples: por mais que José Martí tenha sido inegavelmente superior aos escritos do novo romance latino-americano (entre os quais alguns magníficos), tocou-lhe viver numa época em que nossa América ainda não começava a desempenhar um papel relevante dentro da história. Ainda em 1938, um poeta da dimensão de César Vallejo morreu praticamente de fome em Paris, sem que nenhum de seus livros tivesse sido traduzido para outra língua; sem que seu nome, o nome do maior poeta latino-americano do século XX, tivesse transcendido os círculos restritos dos bem-informados. É que em 1938 nossa América não ocupava um lugar de destaque dentro da história mundial. Foi outro o cenário histórico de que se beneficiaram os autores do novo romance latino-americano. A partir de 1959, quer dizer, a partir do triunfo da Revolução Cubana, nossa América entrou pela grande porta da história. Tudo o que acontecesse em nossas terras iria ter repercussão mundial. E também que, partindo delas, chegasse a outros continentes. Se, em séculos anteriores, muitos de nossos antepassados foram trazidos da África como escravos, em horríveis navios negreiros, descendentes desses homens iriam cruzar, nestes anos, o Atlântico em sentido inverso, para ajudar a consolidação da liberdade e da independência de países africanos.

Além de sábios admiráveis como Alexander Von Humboldt, quem sabia na Europa, até bem poucas décadas, o que era na realidade a nossa América, quem eram seus homens relevantes? Em compensação, hoje qualquer simples leitor de jornal europeu está informado de que existe a América Latina: em particular, que existem países como Cuba e Nicarágua; e ultimamente, também, que existe El Salvador. É verdade que a informação que esse leitor costuma receber, se for ocidental, é freqüentemente distorcida. Por exemplo, pode ser que lhe seja dito que os Estados Unidos “perderam” Cuba e Nicarágua, e não estão dispostos a “perder” El Salvador. No entanto, não é comum encontrar nessa imprensa, suponhamos, que a Inglaterra tenha “perdido” os Estados Unidos. Seja como for, nossa América é conhecida hoje na Europa como nunca antes.

Numa de suas penetrantes observações, Walter Benjamin disse que todo documento de cultura é, ao mesmo tempo, um documento de barbárie. Bem sabemos disso em nossa América. O que recebemos da Europa durante todos esses séculos? Fatos tanto de cultura

como de barbárie. E dentro da perspectiva histórica não podemos esquecer seu entrelaçamento: foram como dois gumes de uma faca que penetrassem em nossas carnes. Nestes momentos, nossos povos lutam tenazmente pela libertação cultural. Mas esta última não implica *de forma alguma* nos desligarmos da grande herança cultural européia que, já disse e não me cansarei de repetir, *também é nossa*. Que sentido teria, por exemplo, postular o absurdo desconhecimento das obras de Leonardo, Voltaire, Beethoven, Heine, Hugo, Dostoievski, Rimbaud, Wagner, Einstein, Freud, Picasso, Shaw, Kafka, Joyce, Eisenstein, Brecht, Sartre, para não falar – por razões óbvias – da magna obra fundadora de Marx e Engels? Seja qual for o destino de nossa cultura, ela será sempre alimentada por criações dessa natureza. Sublinho o termo: *alimentada*. É assim como ao comer churrascos e verduras, à semelhança do que dizia Marguerite Yourcenar, nosso corpo não produz churrascos e verduras, mas músculos, pêlos e unhas; assim, nossa cultura, se há de ser autêntica, se for genuína (e faz muito tempo que é), produzirá (como o faz) obras diferentes daquelas, mas não opostas a elas. Basta lembrar aqui criações como as que devemos, na época colonial, ao inca Garcilaso de la Veja, a Sor Juana Inês de la Cruz e, em nosso século, à prática e à teoria da primeira revolução socialista do hemisfério, à nova poesia, ao novo ensaio e ao novo romance de nossa América, à teoria da dependência, ou à teologia da libertação. Ninguém em seu juízo perfeito pretenderá pensar que se trata de modestas produções locais, já que são, na realidade, contribuições nossas para a humanidade em seu conjunto.

Se o velho verso pitagórico afirmava que “um mesmo ritmo move as almas e as estrelas”, por que não há de mover europeus e americanos (e também asiáticos e africanos e a todos os homens e mulheres) um mesmo ritmo, uma mesma esperança? Não se trata, para a humanidade inteira, de começar a despedir-se da pré-história, de poder dizer em coro, com o grande florentino: “*Incipit vita nova*”?

(Publicado na *Revista Nossa América*, do Memorial da América Latina nº 2, maio/junho, 1989).

Notas:

1. O termo România denota aqui o conjunto dos povos romanizados da Europa, isto é, as nações neo-latinas. (N.E.)